

## Doentes de verdades: o Homem e a morte em tempos de COVID-19

### RESUMO

O presente trabalho crítico-clínico é fruto do contágio temático-viral amplo gerado pela conjuntura pandêmica da COVID-19. Toma-se por problema central a maior mortandade de sujeitos-homens face à doença, buscando-se, primeiramente, a resposta da pergunta: quem são os sujeitos-homens que mais morrem, e o que nos revela tal relação com a morte? A metodologia cirúrgico-narrativa e analítico-bibliográfica tem por propósito delimitar no corpo adoecido o alojamento deste Homem (com agá-maiúsculo) que parece apresentar-se como fator de risco, uma vez que se considera a construção identitária a partir das lentes da teoria da performatividade. Assim, lançando mão da instrumentação teórica apta a perfurar, cortar, extrair e emendar palavras-seres, busca-se evidenciar, como resultado, que o homem que morre é, antes de tudo, um construto histórico, político, um ser cujo corpo é a própria história, cujo poder é o silêncio, e que coloca a morte como componente intrínseco à sua vida.

**PALAVRAS-CHAVE:** COVID-19. Masculinidade. Necropolítica. Gênero.

**Daniel Fauth Washington Martins**

E-mail:  
danieltranquilo@gmail.com  
Universidade Federal do Paraná,  
Curitiba, Paraná, Brasil.  
Pontifícia Universidade Católica do  
Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil.

**Altieres Edegar Frei**

E-mail: altieresfrei@gmail.com  
Universidade de São Paulo, São  
Paulo, São Paulo, Brasil.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho se insere no quadro geral infeccioso de produções sobre o advento da pandemia de COVID-19 e seus impactos ético-estético-políticos. O sintoma que causou preocupação nos autores a ponto de buscar socorro na escrita foi o dado segundo o qual o número de sujeitos-homem mortos seria superior ao de sujeitos-mulher, o que foi recebido com perplexidade em alguns dos setores responsáveis pelo manejo de informações e políticas sobre tal doença. As dificuldades de oxigenação do pensamento aumentaram por conta da necessidade de se inserir na leitura desse dado olhares de gênero, raça, masculinidades e entrelaçamentos da construção da subjetividade com as tecnologias disponíveis à construção maquínica do humano.

Assim, percebendo uma possível via de tratamento do incômodo viral e aquisição imunológica, desenhou-se como objetivo a compreensão do maior impacto letal do novo Coronavírus sobre sujeitos-Homem-com-H tendo por base uma leitura psicanalítica anedipiana, nela sendo anexados instrumentos de fatiamento, soldagem e perfuração-sondagem, notadamente a perspectiva foucaultiana do poder e seu impacto na leitura butleriana do que (constantemente) viria a ser gênero, os estudos de masculinidades enquanto máquinas de juntar elementos e mostrar sentidos (sendo um de seus componentes o conceito de dispositivo, também foucaultiano), e as sondas de análise profunda do pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari, a fim de extrair amostras de camadas internas do discurso a respeito do que são os tais dos “homens” e como funcionam seus enamoramentos com a morte. Ou, outro jeito de dizê-lo, como funcionam os agenciamentos do fluxo capital, que despotencializa a força vital, agindo de forma viral sobre o circuito pulsional.

Nos acompanha nesse percurso a assepsia de Achille Mbembe, cujo pensamento serve de constante lembrete do caráter infecto do grande hospital acadêmico dentro do qual se busca curar (ao menos em teoria) tantos quadros sócio patológicos e que, não obstante, propicia o adoecimento a partir do silencioso colonialismo que, todavia, segue operante em instrumentos pretensamente neutros. Mbembe, que foi quem introduziu nesta maquinaria o conceito-engrenagem de “necropolítica”, flagrando assim o protótipo de Auschwitz nas plantations de cana de açúcar que escravizam homens de África: se o vírus da SARS-2 mostra-se inédito e supostamente democrático quanto ao contágio, o confinamento e suas formas desiguais, bem como possibilidades de tratamento, são mais do mesmo - marcam vidas descartáveis ou tanatopolíticas.

No fim, pouco importa que as tecnologias que culminaram no nazismo tenham sua origem na *plantation* ou na colônia, ou, pelo contrário -- a tese foucaultiana -- que o nazismo e stalinismo não tenham feito mais do que ampliar uma série de mecanismos que já existiam nas formações sociais e políticas da Europa ocidental (subjugação do corpo, regulamentações médicas, darwinismo social, eugenia, teorias médico-legais sobre hereditariedade, degeneração e raça). Um traço persiste evidente: no pensamento filosófico moderno, assim como na prática e no imaginário político europeu, a colônia representa o lugar em que a soberania consiste fundamentalmente no exercício de um poder à margem da lei (*ab legibus solutus*) e no qual a “paz” tende a assumir o rosto de uma “guerra sem

fim”. (MBEMBE, 2018, p. 32 e 33)

Outras referências nos auxiliarão, neste percurso, a não confundir a brancura do jaleco com a limpeza do pensamento, já que é alto o perigo de contágio colonial daquilo que vem do norte do mundo sem maiores exames. *Spoilers*: não estamos incólumes ao produto reverso desta maquinaria, a saber, a criação de uma espécie de “imunizados”, bem-dotados de um passaporte de “curado” da COVID-19 que pode capitalizar ao afortunado um lugar ao sol, em uma atualização de darwinismo social de veras distinta da vala comum aos que jazem à míngua do Estado<sup>1</sup>.

São questões tecnológicas, portanto, as que trazemos aqui. Dizem respeito aos processos de montagem de um corpo de Homem, com H maiúsculo, e como esta letra se acopla como signo-representante de um projeto de masculinidades viris e hegemônicas (MESSERSCHMIDT, 2018). Não é a letra a maiúscula, é o homem o maiúsculo. É esta a tecnologia, também semântica, posto que a linguagem é *technique* que engendra o lugar habitado pelos supostos vencedores desta corrida. Dizem, por fim, respeito aos processos de desmontagem desta maquinaria, engendrando com as mesmas peças outro corpo, que corre deste lugar posto, com a fluidez necessária para esquivar-se, senão da morte advinda do encontro ruim, da vida fadada ao lugar comum do patriarcado, com H maiúsculo.

Espera-se que ao final do presente experimento-ensaio (de caráter eminentemente cirúrgico-narrativo e analítico-bibliográfico), se possa avançar no diagnóstico da relação diferencial masculina com a morte. Afinal, estariam os sujeitos-Homens já doentes anteriormente? Seria a masculinidade um fator de risco? Em que medida as máquinas-de-fazer-Homens seriam também máquinas-de-matar-gente, e de que forma o presente quadro infeccioso que se instaurou em nossa gestão diferencial dos terrores cotidianos pode revelar pontos de fragilidade imunológica da sociedade a outros patógenos causadores de morte?

## CONCEITUAÇÃO/INSTRUMENTAÇÃO

O conceito central ao desenvolvimento da presente resposta imunológico-teórica (a saber, que o Homens com H maiúsculo padecem mais da COVID-19, e parte desse padecimento diz respeito ao vírus, mas outra parte é inerente à concepção de masculinidade viril e cuidado de si) é, ao mesmo tempo, seu mais problemático ponto de inflexão: o que é um homem? Veremos adiante como a palavra homem vai desmanchando-se em sua aparente fixidez à medida que historicizamos sua construção. Em primeiro lugar, cumpre afastar o mito do Homem enquanto figura humana, universal, representativa das experiências carnis dos viventes. Além disso, é preciso eleger uma ferramenta apta a nomear o que se está a estudar: o homem não existe, mas as masculinidades sim. Por fim, é necessário que se diga a que masculinidades estamos nos referindo: será que a morte incide de igual modo na construção de determinadas maneiras de ser homem?

## Sobre o Homem e os homens

No princípio não havia o humano. O chamado Homem enquanto abstração universal, a ideia de humanidade em si, bem como as ciências responsáveis por

compreender esse novo personagem (as ciências humanas), são uma invenção da modernidade:

Antes do fim do século XVIII, o homem não existia. Não mais que a potência da vida, a fecundidade do trabalho ou a espessura histórica da linguagem. É uma criatura muito recente que a demiurgia do saber fabricou com suas mãos há menos de 200 anos: mas ele envelheceu tão depressa que facilmente se imaginou que ele esperara na sombra, durante milênios, o momento de iluminação em que seria enfim conhecido. (FOUCAULT, 2016, p. 425)

Mas o Homem não é o homem. Ou é? Junto com o homem das luzes e da Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão, de 1789, um libelo fundacional de uma nova visão particular da universalidade, também ecoaram vozes de dissenso quanto ao que foi acusado de reducionismo revolucionário. Olympe de Gouges, mulher francesa, escritora, revolucionária, e proponente da Declaração Universal dos Direitos da Mulher e da Cidadã (GOUGES, 1791, p. 1), indica nas linhas iniciais de sua contra declaração que o homem “bizarro, cego, inflado com as ciências e degenerado neste século de luzes e de sagacidade, na ignorância mais crassa, quer comandar como déspota sobre um sexo que recebeu todas as faculdades intelectuais”<sup>2</sup>. De Gouges testemunha o nascimento daquela que será nossa principal via de crítica: o homem que se esconde no Homem.

Vemos que, em seu berço jurídico, o Homem enquanto universalidade tem paz. Mas quiçá não se possa negar que os homens enquanto realidade biológica existem. Será mesmo? Thomas Laqueur (1992/2001, p. 192) explica como dois deslocamentos, um político e outro epistemológico, influenciaram no corte definitivo que criou as categorias de homem e mulher enquanto distintas realidades biológicas. Em termos políticos,

Havia intermináveis lutas pelo poder e posição na esfera pública, altamente ampliada do século XVIII, e em especial no século XIX pós-revolucionário: entre homens e mulheres, entre feministas e antifeministas. Quando, por várias razões, a ordem transcendental preexistente ou os costumes de tempos imemoriais tornaram-se cada vez menos uma justificativa plausível para as relações sociais, o campo de batalha do gênero mudou para a natureza, para o sexo biológico.

Era importante que a nova configuração de poder se escorresse em uma nova ontologia, capaz de dar conta da desigualdade de fato em termos que ocultassem o jogo de poder existente, apresentando as diferenças sociais entre homens e mulheres como mera decorrência de uma realidade prévia, biológica, portanto, inescapável. Tanto é assim que as palavras de De Gouges são cortadas de sua garganta no fio da guilhotina, podendo-se ler em um editorial da época que ela “(...) nascida com uma imaginação exaltada, tomou o seu delírio por uma inspiração da natureza: quis ser Homem de Estado. Ontem a lei puniu esta conspiradora por ter esquecido as virtudes que convêm ao seu sexo” (CUTRUFELLI, 2009, p. 303). Emergem, em conjunto, o discurso do Homem e o grupo dos homens enquanto categoria política histórica, racializada, localizada e tendo por particularidade sua demanda por universalidade. Primeira pista de nossa anamnese do sujeito-homem adoecido: ele não tem um corpo, seu corpo é a

história e a política, e seu poder é o silêncio (bastando o porte da insígnia do agá-maiúsculo). Para além de um jogo de palavras, um jogo de coisas.

### Foucault: um ingrediente ativo no estudo do poder

Como se desmontam universalidades? O historiador Paul Veyne, ao falar de Michel Foucault (o corrosivo filósofo ácido de bateria do pensamento ocidental) traz duas figuras interessantes: um samurai e um peixe dourado (VEYNE, 2011, p. 105-116, 236), um pensamento que busca cortar tudo aquilo que se apresenta como soldado, único, sólido e que, de igual forma, tateia as paredes invisíveis do aquário do pensamento, pensando o pensar em suas formas últimas. É assim que Foucault rompe com a tradição de estudos a partir da soberania, do aspecto jurídico, estatal, legiferante e punitivo do poder, para apresentar uma

(...) concepção do poder que substitua o privilégio da lei pelo ponto de vista objetivo, o privilégio da interdição pelo ponto de vista da eficácia tática, o privilégio da soberania pela análise de um campo múltiplo e móvel de correlações de força, onde se produzem efeitos globais, mas nunca totalmente estáveis, de dominação. O modelo estratégico, ao invés do modelo do direito (FOUCAULT, 1988, p. 114 e ss.).

Logo, não basta dizer que o poder está onde o Direito ou o Estado estão. É preciso considerar o poder a partir do que o autor chama de “precauções metodológicas” (FOUCAULT, idem, p. 102-106): onipresença, imanência a outras relações, constituição ascendente, intencionalidade não-subjetiva e co-presença de resistência. Ou seja: pensar que o poder está em todas as relações, sejam elas amorosas, familiares, profissionais, e está inclusive na cisão dessas relações, da nomeação dessas relações como nichos diferentes, nas próprias estratégias discursivas que ocultam a capilaridade do poder. Justamente por isso que o poder possui (além de onipresença e imanência), um aspecto ascendente, a partir do qual processos históricos férteis em descontinuidades se fazem perceber como linearidades depois de consolidados. É o poder que pode estar na letra fria da Lei, em uma subjetividade hegemônica que se gaba do dito perverso “aos amigos tudo, aos inimigos à Lei”, que pode estar na letra fria do patriarcado, que começa com H maiúsculo, ou que pode estar por aí, sob qualquer superfície: viral.

Em outras palavras: aquilo que só parece vir de cima (da Lei, do Estado, da Ciência) é, de fato, fruto de disputas micro e macro políticas. Ainda, o poder é intencional e não subjetivo, ou seja, ele possui direcionamento, pode-se acompanhar uma linha de força a partir de seus discursos e efeitos, mas ele não pertence a ninguém, antes as pessoas são atravessadas por tais discursos, operando dentro de matrizes de sentidos, camadas de possibilidades históricas de significação, *epistémés* (FOUCAULT, 1979, p. 247). Finalmente, o poder engendra resistências, não sendo estas um fracasso do poder, mas antes um atestado reativo de sua incidência em determinado ponto.

A teoria foucaultiana do poder serve como exame laboratorial no qual detectamos a composição de determinada substância em sua microfísica, e com o homem isso não é diferente. Propondo-se a questionar a naturalização daquilo que viria a ser o sexo, Foucault vai apontar para o curioso advento do que chama de *scientia sexualis* (FOUCAULT, 1988, p. 21-59), uma forma de descobrir a verdade

do sexo a partir de procedimentos de fazer falar o sujeito, objeto principal de estudos da teoria foucaultiana. Foucault morre contagiado pelo nascente vírus da AIDS de forma prematura, em 1984, não levando a cabo seu projeto genealógico de descobrir os muitos nomes do sexo na história, mas pode ser identificado como ingrediente ativo em duas fórmulas de intervenção sobre isso a que chamamos homem: o conceito de virilidade e os estudos de masculinidades.

### Ainda se fazem Homens como antigamente

A ideia de virilidade é anterior à noção de homem em termos cronológicos, sendo foco conceitual de uma linha de estudos, em especial francesa, que busca perceber determinados valores e formas de subjetivação através da história ligados à bravura, demonstrações de autocontrole, domínio sobre si e sobre os outros e assim por diante, os “princípios de comportamentos e de ações designando, no ocidente, as qualidades do homem concluído, dito outramente, o mais ‘perfeito’ do masculino” (CORBIN et al., 2013, p. 11). Já os estudos de masculinidades, oriundos do pensamento norte-americano<sup>3</sup>, apontam para a leitura do fenômeno moderno de gênero, transcendendo os homens enquanto foco de análise para se somar a esforços teóricos e políticos feministas e de movimentos de mulheres. Em outras palavras,

(...) para a tradição francesa, a virilidade é um tema bastante frequente que, de modo geral, faz referência a comportamentos que não se resumiriam a masculinidade, mas ligados à bravura, demonstrações de heroísmo e domínio das emoções. Tal modelo teria atingido seu ápice no século XIX, e entrado em crise no início do século XX. Já a história da masculinidade – termo que aliás adquire força nesse mesmo período – faz referência a um campo de estudos majoritariamente anglosaxão, conceitual e politicamente ligado à história das mulheres e ao feminismo, podendo inclusive ser considerado como uma de suas vertentes (AMBRA, 2013, p. 63-64).

Os estudos de masculinidades representam, portanto, um enfoque que só pode ser compreendido a partir de leituras mais atuais dos estudos e movimentos políticos em torno da pauta do que se convencionou chamar gênero (BUTLER, 2006). A palavra gênero pode ser confundida com sexo biológico (como se a realidade fosse o sexo e gênero fosse apenas outro nome para ele), pensada como expressão social do indivíduo ou ainda como conglobando a própria noção de sexo biológico (no sentido de que mesmo o sexo é expressão de um dispositivo denominado gênero). Tal conceito causa muitas confusões justamente porque, ao defini-la, a pessoa imediatamente explicita sua concepção sobre como são os corpos e expressões ditos normais.

Daí que podemos situar a palavra gênero em basicamente três posições. As duas primeiras seriam ou como sinônimo da ideia de sexo biológico (o gênero homem corresponde a pessoas com pênis, consideradas do sexo masculino, denominadas homens), ou como identidade de gênero, sendo que o gênero masculino não necessariamente corresponde somente a pessoas com pênis, que em tese seriam do sexo masculino, mas podem, eventualmente, transicionar para

outras identidades de gênero, separando, portanto a ideia de sexo biológico e de gênero social.

Judith Butler, entretanto, apresenta uma terceira possibilidade de interpretação que serve de abertura conceitual para se contestar o próprio binarismo complementar que permeia a quase-totalidade de reflexões nesse campo. Gênero seria, então, pensado como dispositivo, na linha do dispositivo foucaultiano (FOUCAULT, 1994), que organiza os corpos, afirma que existem apenas duas formas de corpos (e versões deficitárias que não se encaixam totalmente em nenhuma das categorias), instiga uma matriz de significação heterossexual dos corpos e distribui traços absolutamente aleatórios de maneira a firmar uma impressão de coerência.

Não faria sentido, então, definir gênero como a interpretação cultural do sexo, se o sexo em si for uma categoria de gênero. O gênero não deve ser concebido meramente como a inscrição de um significado sobre um sexo pré-estabelecido (uma concepção jurídica); gênero também deve designar o próprio aparato de produção pelo qual os próprios sexos são estabelecidos. Como resultado, o gênero está para cultura como o sexo está para a natureza; gênero é também os meios discursivos/culturais pelos quais "natureza sexuada" ou "sexo natural" são produzidos e estabelecidos como "pré-discursivos", anteriores à cultura, uma superfície politicamente neutra na qual a cultura atua (BUTLER, 2006, p. 10)<sup>4</sup>

A reviravolta no pensamento de Butler é propor gênero enquanto matriz de sentido que organiza inclusive a categoria sexo, que recobre linguisticamente a multiplicidade de corpos, biologizando-os, extraíndo deles a verdade - performativamente fabricada - sobre sua suposta condição masculina ou feminina. Aqui temos mais uma pista sobre o Homem: ele não tem corpo, seu poder reside no silêncio, e seu simulacro é o corpo teórico do gênero, ou seja, a construção fantasmática de um masculino que implica uma decalagem entre a experiência da carne e do eu. Assim funciona um dispositivo: como a junção de elementos ditos e não ditos, arquitetônicos, históricos, a própria rede que liga esses elementos, que respondem conjuntamente a uma urgência (FOUCAULT, 1994, p. 299). A urgência de se interromper a garganta insubmissa dos movimentos de mulheres mobiliza saberes que buscarão justificar *post factum* o domínio de fato dos sujeitos autodenominados homens.

### Homens de cor, cor do Homem

Mas é necessário também que se diga que esse homem neutro, universal, não corporificado, que extrai seu poder do silêncio e que se oculta no simulacro do dispositivo de gênero, esse homem também possui cor, tendo sido responsável pela invenção do conceito de raça. Achilles Mbembe (2018) explica que a evolução da democracia no ocidente se deu através de seu corpo noturno:

A história da democracia moderna é, no fundo, uma história de dois rostos, quicá de dois corpos - o corpo solar, de um lado, e o corpo noturno, de outro. O império colonial e o Estado de

escravos - e mais precisamente a plantação e a colônia penal - constituem os emblemas maiores de seu corpo noturno. (...) No fundo, desde suas origens, a democracia moderna precisou, para dissimular a contingência de seus fundamentos e a violência que constitui seu substrato, envolver-se em uma estrutura quase mitológica. Como acabamos de dizer, a ordem democrática, a ordem da plantação e a ordem colonial mantiveram, por muito tempo, relações de irmandade gêmea (MBEMBE, 2018, p. 35-36)<sup>5</sup>.

O corpo masculino branco é o corpo político do Homem com H Maiúsculo, de História, sendo que raça e gênero encontram-se intersectando fortemente os vértices de aglutinação do poder, centros de massa tão densos e pesados que curvam o espaço desejante à sua volta e fazem com que em torno de si orbitem os demais corpos. É este o corpo branco que tende a ser a imagem do destemido gladiador que enfrenta o vírus invisível tomando a camisa amarela da CBF e suas “*selfies*” frenéticas nas manifestações reivindicando a retomada do comércio como armaduras, amuletos ou Equipamento de Proteção Individual frente a “gripezinha” da COVID-19. A morte é sempre a do outro, por esta concepção, em uma quase paráfrase da célebre proposição sartriana de que o inferno são os outros: para além do jogo de palavras, um jogo de coisas - o que são medições como cinco mil, dez mil mortes, senão outro jeito de lidar com coisas.

Esse sujeito-índice, aqui retratado como Homem e portando suas camisas a amarelas da seleção brasileira como armaduras ou ícones de um tacanho patriotismo, não é fruto de um jogo de dados: Richard Miskolci (2013) expõe de que forma, no Brasil, o projeto de nação se erigiu sobre uma virilização racializada, racionalista, proprietária, o “Desejo da nação” (nome de sua obra) que buscou se apresentar como subjetividade-guia de um Brasil que dava seus primeiros e sangrentos passos como país republicano. Militarismo, violência, cientificismo: a colonialidade brasileira tem um traço marcante na centralidade do homem branco proprietário e patriarcal, realizando-se “(...) o projeto de disciplinar homens das classes populares – negros, indígenas, mestiços e imigrantes – tornando-os cidadãos brasileiros por meio da incorporação, corporal e subjetiva, da ‘branquitude’ cultuada pelos nossos homens de elite” (MISKOLCI, 2013, posição 2623).

O Homem, portanto, não tem corpo: ele detém corpos. Ele não fala com voz própria: domina o silêncio fundamental epistemológico a partir do qual o saber pode ser construído. Ele não é obviamente superior, mas se oculta sob a diferença do binarismo de gênero, a multiplicidade racial, mostrando-se como apenas mais uma categoria, mas de fato servindo como vértice organizador do desejo. É importante salientar que aqui, quando falamos de Homem, estamos falando dessa construção pretensamente universalizante, e não dos corpos concretos dos sujeitos que, de alguma forma, se denominam como homens. E isso porque, se pensarmos em termos de masculinidades (KIMMEL; HEARN; CONNELL, 2005), veremos que o campo de estudos se volta muito mais à compreensão da multiplicidade de mecanismos existentes para a nomeação e construção de estilos da carne (BUTLER, 2006, p. 119) do que a dissecar um objeto único, uma suposta imanência ou essência do masculino.

Trata-se, neste momento, de entender de que forma a heteronormatividade enquanto tecnologia social constrói um polo axiológico e normativo específico

denominado Homem. Aqui, vivência colonizadora e necropolítica se agenciam ou se acoplam.

A tecnologia social heteronormativa (esse conjunto de instituições tanto linguísticas como médicas ou domésticas que produzem constantemente corpos-homem e corpos-mulher) pode ser caracterizada com uma máquina de produção ontológica que funciona mediante a convocação performativa do sujeito como corpo sexuado (PRECIADO, 2014, p. 18).

Assim, o pênis pode ser metaforizado em espada, o negro em ameaça, a mulher em perigo: o significante que organiza os sentidos dos corpos apresenta-se sem dizer seu nome, organizando toda a cadeia de sentidos que o precede (LACAN, 1957, p. 05). Dito de outra forma, é a partir dessa ficção colonial do Homem branco heterossexual potente proprietário que o mundo será organizado. A fratura de um mundo antes da Covid-19, durante a Covid 19 pode, à custa de centenas de milhares de mortes, por a subjetividade sob outro giro, mas isso pode vir a não ser garantia de uma Nova Era, pelo contrário: o poder não cansa de atualizar-se, reconfigura-se sob uma plasticidade comum ao fluxo do capital. Enquanto não houver vacinas e tratamentos, passaportes de imunidade podem vir a fazer o lugar do falo. Aqui, como lá, trata-se de jogar com a morte movendo-se sobre um tabuleiro estriado.

Obviamente que há resistência e condições de pensamentos e vivências outras: esperamos pontos de curas, linhas de fugas, feminismo negro, pensamento decolonial, psicanálise anedipiana. Muitas são as tentativas de se escapar do testosteronavírus, do dispositivo de gênero, esgarçar seus limites, subvertê-lo. Ainda assim, seus impactos se fazem sentir e, como avançaremos aqui, um deles é o de representar um fator de risco. O homem que mais mata também se expõe à morte: quicá se possa dizer que seu funcionamento é suicidário (SAFATLE, 2020). *Ecce homo*: eis o Homem.

## DESENVOLVIMENTO (RESULTADOS E DISCUSSÕES)

Desde dezembro do ano passado a pauta fóbica global teve, de maneira crescente, um acréscimo hoje inescapável: o novo coronavírus, causador da COVID-19, parece não dar espaço para que se possa respirar outras notícias. Somado a uma conjuntura política de franco avanço antidemocrático, na qual, em várias nações do globo, o povo parece opor-se à democracia (MOUNK, 2018), o Estado, e no que nos concerne, o Estado brasileiro, parece ter adotado aquilo que Valdimir Safatle (2020), a partir de Paul Virilio, denominou Estado suicidário, um modo de governo que enxerga que o combate perpétuo (vale lembrar que a suástica nazista evoca o movimento, representando uma roda em ação) é intrínseco ao seu modo de funcionamento. Um Estado que necessita de inimigos e que, ante sua impotência final (SAFATLE, *idem*, 2020, p. 03) prefere consumir-se, “cair atirando”, do que admitir um movimento revolucionário ou reformista.

Em que isso se relaciona com nossos pacientes, os homens que morrem mais? Sabe-se bem que, por aqui, como em muitos outros lugares, homens morrem e matam mais. Em alguns lugares do Brasil, chega-se a uma mortalidade até onze vezes maior. Segundo dados das Estatísticas do Registro Civil de 2018:

A mortalidade é diferenciada por sexo, e, normalmente, a masculina é superior à feminina ao longo de toda a vida. Contudo, em um determinado intervalo de idade, entre jovens e adultos jovens, esse diferencial se acentua. As causas principais para o aumento dessa diferença são os óbitos por causas externas (homicídios, suicídios, acidentes de trânsito, afogamentos, quedas acidentais etc.), que incidem com mais intensidade na população masculina. De acordo com a pesquisa Estatísticas do Registro Civil, esses óbitos são registrados, segundo a sua natureza, como óbitos não naturais. Em 2018, a sobremortalidade masculina por causas externas no grupo de 20 a 24 anos foi da ordem de 10,7, isto é, um indivíduo do sexo masculino de 20 anos tinha, aproximadamente, 11 vezes mais chance de não completar os 25 anos do que um indivíduo do sexo feminino (IBGE, 2018, p. 07-08).

Note-se, inclusive, que o “morrer mais” está relacionado a comportamentos, contextos de violência, as causas externas que nos fazem suspeitar da relação desse homem com a morte. Segundo Cordelia Fine (2018), o chamado “comportamento masculino” nada teria a ver com a produção hormonal. Em sua obra *Testosterona Rex*, a autora se dedica a desmontar, cientificamente, a ligação entre uma suposta diferença cerebral essencial entre homens e mulheres, deslocando a testosterona de seu lugar de justificação de comportamentos agressivos, desigualdades sociais e assim por diante. “Entremeando alegações interconectadas sobre evolução, cérebros, hormônios e comportamentos, ele apresenta um relato puro e convincente das persistentes e aparentemente intratáveis desigualdades sexuais de nossas sociedades” (FINE, 2018).

A morte por aqui tem, igualmente, cor. De homicídios a suicídios, passando pelo lento fazer morrer do abandono/perseguição estatal, são os homens negros jovens que parecem estar em maior risco. Como explica Ana Flauzina (2006), o conceito de genocídio se encaixa perfeitamente no tratamento dispensado à população negra brasileira, já que

(...) dos homicídios irrefutáveis, passando pelas situações descritas que comprometem física e mentalmente os indivíduos e todas as debilidades forjadas para a sua fragilização e morte, chegando às práticas de esterilização que procuram evitar a reprodução da vida do segmento populacional, a verdade é que essa é uma definição que se adequa perfeitamente à nossa realidade. No Brasil, o institucional tem sido mesmo um espaço privilegiado para a consecução de um projeto que se dá tanto por uma via ativa, em que todo o instrumental está voltado para a materialização do extermínio, quanto pelos sofisticados mecanismos de omissão, que deixam perecer aos montes os indivíduos a serem descartados (FLAUZINA, 2006, p. 119).

Passemos, então, ao quadro de nosso paciente. Em estudos anteriores com a Síndrome Aguda Respiratória Grave (SARS) (LEUNG et al., 2004) e a Síndrome Respiratória do Oriente Médio (MERS) (CHEN et al., 2019), causadas por vírus aparentados ao Coronavírus, nota-se um padrão de maior mortalidade entre homens, semelhante ao que dados preliminares parecem indicar em relação à COVID-19 (THE NOVEL CORONAVIRUS PNEUMONIA EMERGENCY RESPONSE

EPIDEMIOLOGY TEAM, 2020). Os dados parecem causar perplexidade em alguns observadores, indicando que a resposta possa estar, em partes, em fatores genéticos, como a presença benéfica neste caso de dois cromossomos X, responsáveis por uma resposta imunológica mais enérgica. Uma das metodologias experimentais de tratamento tem sido, inclusive, a aplicação de estrogênio em homens (LANESE, 2020), como forma de simular o que seria a resposta imunológica em mulheres (aqui empregando as palavras homem e mulher em seu sentido corrente heteronormativo).

Entretanto, os estudos apontam igualmente para fatores de risco comportamentais, como o abuso de álcool e tabaco, prevalente entre homens no Brasil (LARANJEIRA et al., 2012). De fato, a expectativa de vida masculina é menor, homens parecem se engajar em maiores comportamentos de risco, consumir mais álcool e outras drogas.

O Homem com H maiúsculo parece flertar com a morte, e o Coronavírus não deixa de aproveitar tal brecha: um sistema imunológico enfraquecido justamente por uma cultura constante de aproximação com a morte, um descuido fundamental que se materializa em uma maior letalidade/matabilidade dos corpos. Corpos alvos: alvos de branco, negros alvejados, numa dança macabra que busca reafirmar um tipo de vida abstrata através de mortes concretas. A necropolítica a partir da qual o Estado opera a “(...) reversão entre a vida e a morte, como se a vida não fosse nada além do meio pelo qual a morte acontece. Continuamente, ele busca abolir a distinção entre os meios e os fins” (MBEMBE, 2018, p. 55).

Para o Homem, morrer é viver. Da morte que não é enlutada ao tombamento em combate, a morte não está fora, mas absolutamente dentro do projeto de vida masculinizante e viril. Declarações recentes do chefe do Poder Executivo (ou Executório) minorando os impactos do Coronavírus, afirmando que milhares podem morrer, dando ênfase à economia (aqui vista apenas como continuação da concentração de renda e exploração humana generalizada) como elemento de maior importância, chamando de guerra o trabalho realizado em torno das tratativas da COVID-19, tudo apontando para a matabilidade da população.

Não há, portanto, surpresa alguma, dentro dessa política de morte. Se profissionais de saúde são soldados e o trabalho em unidades de saúde é uma guerra, significa que já aceitou, de antemão, as mortes daí decorrentes. A metáfora bélica generalizada evoca a dimensão de que as coisas mais sérias são as coisas masculinas, que a guerra é o recurso último, e que a morte é a arma civilizacional principal. Escapa a uma leitura apressada dessa imagem do pensamento outro Herói que não tenha a inicial Agá-Maiúscula: qualquer semelhança com o personagem Homem de peito aberto, viril, atendendo ao chamado da pátria, do déspota ou do líder de ocasião, indo digladiar por seu quinhão de sucesso-narcísico, não parece mera coincidência - como se o lugar das mulheres não fosse à frente das tropas, ali na guarda da frente, a *Avant-garde*.

Homens pensados dentro da matriz colonial, feito bucha de canhão para uma luta de fardas, ou utilizados como seu suporte cadavérico têm esta função: morrer. Beber até morrer, fumar até morrer, enfartar em decorrência dos abusos e do estresse, estourar-de-ganhar-dinheiro, tombar em uma viela qualquer por estar segurando um guarda-chuva, matar-se após o feminicídio da ex-companheira, capotar um carro em alta velocidade: não há surpresa quando se considera que

um vírus que se fortalece diante da fraqueza imunitária de seu hospedeiro ataca mais intensamente quem menos se cuida, seja essa falta de cuidado decorrente da impossibilidade econômica ou da negação da própria dimensão corpórea. De um jeito ou de outro, caem máscaras, evidenciando um olhar ainda mais capenga: capangas.

Os homens estão doentes da Verdade. Essa verdade colonizadora, também maiúscula, que impede a implosão da categoria gênero e faz apelo ao retorno autoritário, reacionário, a um pai capaz de negar a própria realidade e restaurar o corpo imaterial dessa forma de masculinidade. Para que o homem continue sendo o ser sem corpo, cujos domínios são o silêncio e cujo simulacro é dispensável, já que morrer é viver.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devir homem.

Gilles Deleuze e Felix Guattari não cansaram de insistir do devir (DELEUZE, 2011) como conceito afirmativo de sua perspectiva clínico-estético-política. Concluímos nosso breve ensaio postulando que as masculinidades por vir (em detrimento do corpo-Homem com H, por ir) tem o tom do devir. E, como gostavam de sentenciar, todo devir é minoritário (DELEUZE, 2011, p. 15). É o devir judeu, o devir negro, o devir mulher que escapa, que atualiza processos de subjetivação em sua virtualidade, em sua força de insurreição e fluidez. É o devir homem, com h minúsculo, uma masculinidade menor, em consonância com outros devires minoritários.

Mas o que a fala “todo devir é minoritário” afirma? Em uma leitura até certo ponto de raspão à perspectiva dos autores, implicam onde se opõe às linhas macro-molares: àquelas comuns a constituição do Estado, do ordenamento jurídico, e por extensão, do patriarcado como forja de masculinidades. É neste lugar, ou sob esta perspectiva, que se fazer os tais Homens com H - aqueles que, de peito aberto contra o vento a ouriçar seus pelos, signo-viril, jamais temem gripezinhas em noite de verão.

Sob nossas hipóteses aqui postas que orbitam a ideia do dispositivo de masculinidades, a pandemia da COVID-19 opera uma fratura na subjetividade contemporânea, e não é exagero valer-nos das marcações a.c., d.c. para analogia a um mundo antes da Covid-19, outro que viceja durante a Covid-19 - oxalá, tão logo possível, o d.c. sugira depois da Covid-19; o vírus, quando alojado ao corpo-Homem, encontra um processo permeado de outras toxinas, estas da ordem da masculinidade hegemônica, com DNA indissociável dos diagramas de poder, herdeira do signo patriarcal que viceja nos processos do inconsciente colonial-racial-capitalístico (ROLNIK, 2018)). É o vírus no corpo do Homem. Aquém ou além da perspectiva imunológica em relação ao vírus SARS, trata-se de uma outra concepção viral: testosteronavírus.

É com essa chave semântica, com esse alicate dourado de desparafusar que esse ensaio-manifesto põe-se a operar disputas e capturas das narrativas, operar desmontagens dos dispositivos de masculinidade, operar desconstrução da ficção do gênero. Só assim se pode, dentro da axiomática proposta por Deleuze & Guattari, vir a engendrar máquinas de guerra -- não necessariamente máquinas

para a guerra, mas máquinas com as quais foge-se ou opera-se na guerra: que é sempre (PELBART, 2019).

Propõe-se, dessa forma, a constituição de subjetividades que possam ser fluídas e permeadas por heterogeneidades de concepção quanto às masculinidades enquanto dispositivos. Permeada, também, de posturas ético-estético-políticas em relação à vida, que possam escapar da engrenagem molar que forja Homens com H maiúsculo, para aquela que assiste à deserção proposta por homens, estes sujeitos quase-comuns, outrora atrelados à classe trabalhadora, agora à deriva de lugares identitários quase tanto econômicos, que escapam, que perseveram, que preferem não se sujeitar aos códigos de virilidade e, também por isso, podem temer - inclusive ao resfriado do peito descoberto.

Esta postura em relação a vida é tão diametralmente oposta à valentia quanto um corpo que não atende aos modelos de saúde dominantes pode vir a conter seu fluxo de energia vital em maior intensidade que os corpos-malhados (como os que vestem os ditos “vencedores” da corrida pelo sucesso). Reivindica-se assim, à luz da concepção de devir minoritário em Deleuze e Guattari, que o homem com h minúsculo possa vir a ser equiparado a uma possibilidade de existência em virtualidade, sem necessariamente atrelar ao gênero masculino o signo representante destas masculinidades: de novo, não é um corpo que já está, são corpos que se fazem, sob a prerrogativa de um amor que é performático.

Com isso, fazemos coro aos autores citados no tributo cada vez mais atual em relação às linhas de fuga, aos pontos de escape, às camuflagens características dos nômades nos desertos, dos ‘flâneurs’ na paisagem urbana, dos que se esquivam do ritmo e dos circuitos impostos como triunfantes. É um corpo que cai: um ideal de corpo que cai. Com isso, arrasta consigo, como amuleto em meio à vertigem, a letra agá-maiúscula, que agora parece pouco servir. Se com maiúsculas não garantimos o posto de próprio ao nome, nem sequer o posto de Senhores nem em nossa própria casa (parafraseando a célebre frase de Freud, quando com a proposição ao inconsciente aventou nossa desterritorialização), que dirá com a utilidade das letras maiúsculas se para tornarmo-nos Senhores em valas-lugares comuns.

## Truthfully ill: Man and death in COVID-19 times

### ABSTRACT

The present critical-clinical work is the result of the broad viral-thematic contagion generated by the pandemic situation of COVID-19. The main problem is the greatest death rate of male subjects. Thus, this paper seeks primarily to answer the question: who are the male subjects who most die, and what does this relationship with death reveal to us? The surgical-narrative and analytical-bibliographic methodology has the purpose of delimiting the accommodation of this Man in the sick body (with a capital M) which seems to present itself as a risk factor, as long as the identity construction is considered from the lens of performativity theory. Thus, employing a theoretical instrumentation capable of drilling, cutting, extracting and mending words-beings, we seek to show, as a result, that the man who dies is, above all, a historical, political construct, a being whose body is history itself, whose power is silence, and who places death as an intrinsic component to his life.

**KEYWORDS:** COVID-19. Masculinity. Necropolitics. Gender.

## Enfermo de verdades: Hombre y muerte en tiempos de COVID-19

### RESUMEN

El presente trabajo clínico crítico es el resultado del amplio contagio viral-temático generado por la situación pandémica de COVID-19. El principal problema es el mayor número de muertes de sujetos masculinos frente a la enfermedad, buscando-se, primero, la respuesta a la pregunta: ¿quiénes son los sujetos masculinos que más mueren y qué nos revela esta relación con la muerte? La metodología quirúrgica-narrativa y analítica-bibliográfica tiene el propósito de delimitar la acomodación de este Hombre en el cuerpo enfermo (con M mayúscula) que parece presentarse como un factor de riesgo, ya que la construcción de la identidad se considera desde el lente de la teoría. Performatividad. Así, usando instrumentos teóricos capaces de perforar, cortar, extraer y reparar palabras-seres, buscamos demostrar, como resultado, que el hombre que muere es, sobre todo, una construcción histórica y política, un ser cuyo cuerpo es la historia misma, cuyo poder es el silencio, y que coloca la muerte como un componente intrínseco de su vida.

**PALABRAS CLAVE:** COVID-19. Masculinidad. Necropolítica. Género.

## NOTAS

<sup>1</sup> O valor de empregabilidade dos que provarem-se imunes à COVID-19, não por acaso taxados como portadores de uma espécie de “passaporte imunológico” poderá, durante o incerto tempo em que se pesquisa tratamentos e vacinas eficazes, vir a ser equivalente ao valor de empregabilidade de um imigrante ilegal etíope que lava pratos no subsolo de qualquer restaurante chinês no centro de Barcelona até casar-se com um europeia, adquirindo assim um passaporte ou cidadania comunitária para, na fábula trivial encenada nesta quase pequena e quase aldeia infecto-global que o capitalismo mundial integrado ergue, viver sua ficção-cinderela às avessas.

<sup>2</sup> Tradução livre de: “Bizarre, aveugle, boursoufflé de sciences et dégénéré, dans ce siècle de lumières et de sagacité, dans l'ignorance la plus crasse, il veut commander en despote sur un sexe qui a reçu toutes les facultés intellectuelles ; il prétend jouir de la Révolution, et réclamer ses droits à l'égalité, pour ne rien dire de plus”.

<sup>3</sup> Para um interessante panorama sobre a evolução dos estudos de masculinidades especificamente na área da saúde, recomenda-se: SCHRAIBER, Lília Blima; GOMES, Romeu; COUTO, Márcia Thereza. Homens e saúde na pauta da Saúde Coletiva. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 7-17, Mar. 2005. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232005000100002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232005000100002&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 28 abr. 2019.

<sup>4</sup> Tradução livre de: “It would make no sense, then, to define gender as the cultural interpretation of sex, if sex itself is a gendered category. Gender ought not to be conceived merely as the cultural inscription of meaning on a pre-given sex (a juridical conception); gender must also designate the very apparatus of production whereby the sexes themselves are established. As a result, gender is not to culture as sex is to nature; gender is also the discursive/cultural means by which ‘sexed nature’ or ‘a natural sex’ is produced and established as ‘prediscursive,’ prior to culture, a politically neutral surface on which culture acts.”

<sup>5</sup> Tradução livre de: “L'histoire de la démocratie moderne est, au fond, une histoire à deux visages, a voire à deux corps - le corps solaire, d'une part, et le corps nocturne, d'autre part. L'empire colonial et l'État à esclaves - et plus précisément la plantation et le bagne - constituent les emblèmes majeurs de ce corps nocturne. (...) Au fond, dès ses origines, la démocratie moderne a besoin, pour dissimuler la contingence de ses fondements et la violence qui constitue ses dessous, de s'envelopper dans une structure quasi mythologique. On vient de le rappeler, l'ordre démocratique, l'ordre de la plantation et l'ordre colonial ont entretenu, pendant longtemps, des rapports de gémellité”.

## REFERÊNCIAS

- AMBRA, Pedro E. S. **A noção de homem em Lacan**: uma leitura das fórmulas da sexuação a partir da história da masculinidade no ocidente. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013.
- BUTLER, Judith. **Gender Trouble**: feminism and the subversion of identity. Nova Iorque: Routledge, 2006.
- CHEN, Xin et al. Comparative epidemiology of Middle East respiratory syndrome coronavirus (MERS-CoV) in Saudi Arabia and South Korea. **Emerging microbes & infections**, Abingdon-on-Thames, v. 6, n. 1, p. 1-6, jan. 2019. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1038/emi.2017.40>. Acesso em: 29 abr. 2020.
- CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). **História da virilidade, vol. 1**: da invenção da virilidade, da antiguidade às luzes. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.
- CUTRUFELLI, Maria Rosa. **Eu vivi por um sonho**: os últimos dias de Olympe de Gouges, defensora dos direitos da mulher. Trad. de Maurício Santana Dias. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. Tradução: Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2011.
- FINE, Cordelia. **Testosterona Rex**: mitos de sexo, ciência e sociedade. Tradução Renato Marques. São Paulo: Três Estrelas, 2018.
- FLAUZINA, Ana Luiza P. **Corpo negro caído no chão**: o sistema penal e o projeto genocida do Estado brasileiro. Brasília, 2006. Dissertação (Mestrado em Direito) - Universidade de Brasília.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2016.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. Le jeu de Michel Foucault. In: FOUCAULT, Michel. **Dits et écrits**: 1958-1984 (III: 1976-1979). Paris: Gallimard, 1994.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Trad. e Org. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- GOUGES, Olympe de. **Déclaration des droits de la femme et de la citoyenne**. SIEFAR - Société internationale pour l'étude des femmes de l'ancien régime. Disponível em: <http://www.siefar.org/wp-content/uploads/2015/09/Gouges-Déclaration.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estatísticas do Registro Civil de 2018**. Infográfico. v. 45. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=7135>. Acesso em: 28 abr. 2020.

KIMMEL, Michael S.; HEARN, Jeff; CONNELL, Raewyn. W. Introduction. In: KIMMEL, Michael S.; HEARN, Jeff; CONNELL, Raewyn. W. **Handbook of studies on men and masculinities**. Thousand Oaks: Sage Publications, 2005.

LACAN, Jacques. **L'instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud**. 1957. Édition Staferla. Disponível em: <http://staferla.free.fr/Lacan/L'instance%20de%20la%20lettre.pdf>. Acesso em 26 abr. 2020.

LANESE, Nicoletta. **Doctors are testing whether estrogen could help men fight COVID-19**. Live Science. 27 abril 2020. Disponível em: <https://www.livescience.com/covid19-trial-tests-sex-hormone-treatment.html>. Acesso em: 28 abr. 2020.

LAQUEUR, Thomas W. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992/2001.

LARANJEIRA, Ronaldo (Direção); MADRUGA, Clarice S. (Coordenação); PINSKY, Ilana; MITSUHIRO, Sandro; CAETANO, Raul. **II Levantamento Nacional de Álcool e Drogas - II LENAD**. Universidade Federal de São Paulo. Unidade de álcool e drogas. Instituto nacional de ciência e tecnologia para pesquisa do álcool e outras drogas. São Paulo, 2012. Disponível em: <https://inpad.org.br/lenad/resultados/relatorio-final/>. Acesso em: 26 abr. 2020.

LEUNG, Gabriel M. et al. The epidemiology of Severe Acute Respiratory Syndrome in the 2003 Hong Kong epidemic: an analysis of all 1755 patients. In: INTERNAL MEDICINE. **Proceedings...** Filadélfia, v. 141, n. 9, p. 662–673, nov. 2004. Disponível em: <https://annals.org/aim/fullarticle/717919/epidemiology-severe-acute-respiratory-syndrome-2003-hong-kong-epidemic-analysis>. Acesso em: 29 abr. 2020.

MBEMBE, Achille. **Politiques de l'inimitié**. Paris: La découverte, 2018.

MESSERSCHMIDT, James W. **Hegemonic masculinity: Formulation, reformulation, and amplification**. Maryland: Rowman & Littlefield, 2018.

MISKOLCI, Richard. **O desejo da nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX**. Curitiba: Annablume Editora, 2013. Edição Kindle.

MOUNK, Yascha. **The People vs. Democracy: why our freedom is in danger and how to save it**. Cambridge: Harvard University Press, 2018. Edição do Kindle.

NOVEL CORONAVIRUS PNEUMONIA EMERGENCY RESPONSE EPIDEMIOLOGY TEAM. Vital surveillances: the epidemiological characteristics of an outbreak of 2019 novel coronavirus diseases (COVID-19) — China, 2020. **China CDC Weekly**, Pequim, v. 2, n. 8, p. 113-122, fev. 2020. Disponível em:

<http://weekly.chinacdc.cn/en/article/id/e53946e2-c6c4-41e9-9a9b-fea8db1a8f51>. Acesso em: 29 abr. 2020.

PELBART, Peter. **Ensaio do assombro**. São Paulo: N-1, 2019.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São paulo: n-1 edições, 2018.

SAFATLE, Vladimir. Bem vindo ao estado suicidário. In: **004**. São Paulo: n-1 edições, 2020. Disponível em: <https://n-1edicoes.org/004>. Acesso em 29 abr. 2020.

VEYNE, Paul. **Foucault**: seu pensamento, sua pessoa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

**Recebido:** 30/04/2020.

**Aprovado:** 10/06/2020.

**DOI:** 10.3895/cgt.v14n43.12167.

**Como citar:** MARTINS, Daniel Fauth Washington; FREI, Altieres Edeimar. Doentes de verdades: o Homem e a morte em tempos de COVID-19. **Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v. 14, n. 43, p. 101-118, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: XXX.

**Correspondência:**

**Daniel Fauth Washington Martins**

Rua Guaianazes, número 692, Ap. 43, Vila Izabel, Curitiba, Paraná, Brasil.

**Direito autoral:** Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

